

Floriano Peixoto e seus Consagradores: Um Estudo sobre Cultura Cívica Republicana (1891-1894)

Elisabete Leal

Elisabete Leal

é Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas.

E-mail: elisabeteleal@ymail.com

Resumo

O texto aborda o fenômeno do florianismo no Brasil entre 1891 e 1904, buscando caracterizar uma parcela de seus protagonistas: militares e positivistas. Para tal, analisaram-se as atividades cívicas e de culto a imagens visuais, principalmente obras de arte, para a consagração de Floriano Peixoto como líder militar, para as comemorações em seu aniversário fúnebre e para as mobilizações na Revolta da Vacina. Destaca-se uma liderança militar que unia o ideal positivista a práticas políticas republicanas e seu envolvimento na encomenda de imagens visuais de Floriano Peixoto para serem usadas em atividades culturais de cunho cívico-político. Analisou-se também a trajetória do militar Agostinho Raimundo Gomes de Castro.

Palavras-chave

república; florianismo; positivismo; cultura cívica.

Abstract

The text addresses the phenomenon of florianismo in Brazil between 1891 and 1904, seeking to characterize some of its leading actors: positivist military officers. For this, the article analyzes some key episodes for understanding this movement, such as the consecration of Floriano Peixoto as leader of the group, his funeral and the Vaccine Revolt, some years later. It is highlight a military leader who united the civic ideal positivist with practices republican policies and their involvement in ordering visual images Floriano Peixoto to be used in cultural imprint civic-political. We analyzed the trajectory of the military officer Agostinho Raimundo Gomes de Castro.

Keywords

republic; florianismo; positivism; civic culture.

Introdução

O texto discute o fenômeno do florianismo no Brasil entre 1891 e 1904, buscando caracterizar uma parcela de seus protagonistas: militares e positivistas. Analisam-se atividades cívicas e de culto a imagens visuais para a consagração de Floriano Peixoto como líder militar, as comemorações em seu aniversário fúnebre e as mobilizações dos florianistas na Revolta da Vacina.

Destaca-se a liderança de alguns militares que uniram o ideal positivista a práticas políticas republicanas e seu envolvimento na encomenda de imagens visuais para serem usadas em atividades culturais de cunho cívico-político. Analisa-se com mais vagar a trajetória do militar Agostinho Raimundo Gomes de Castro e sua dedicação à promoção de atividades cívico-culturais.

Visa-se discutir o sentimento de pertencimento político nacional republicano ancorado em práticas culturais que promoviam um incipiente civismo, carente de imagens visuais para serem contempladas. Tem-se em vista mostrar como a mobilização política dos florianistas se apoiou no reconhecimento visual do herói cívico-republicano a ser admirado, sem o qual não haveria a emoção de integrar uma coletividade política.

Floriano Peixoto e “O Povo a seu Lado”

Floriano Peixoto, segundo presidente militar, o qual atuou entre 1891 e 1894, é avaliado pela historiografia como o primeiro grande líder político popular na história republicana. Seus seguidores foram militares e civis, chamados de florianistas, oriundos de grupos populares e das camadas médias da cidade do Rio de Janeiro, da jovem oficialidade da Escolar Militar da Praia Vermelha e dos sócios do Clube Militar. Para Queiroz, a adoção de ações violentas nas ruas, tomadas como práticas políticas, distinguiu-os de outros grupos. Completa Penna que seus opositores eram quaisquer indivíduos que demonstrassem inclinações à monarquia; os estrangeiros, principalmente os comerciantes portugueses; e os liberais, chamados de “casacas”, que estavam interessados mais em seus negócios do que na consolidação do regime republicano. Simas destaca que a imagem de Floriano Peixoto para seus seguidores era um misto de herói militar, antiportuguês, brasileiro por essência; era também um índio, e um Cristo republicano (Queiroz, 1990: 46; Penna, 1999: 63; Simas, 1994; Saes, 2005; Muzzi, 2006).

A propaganda florianista difundia a ideia de que o Marechal não estava só, tinha o “povo” a seu lado. Isto é o que dava legitimidade à sua obra política e coletiva. Era uma “relação dialética que se justificava porque Floriano Peixoto e florianistas se apropriavam reciprocamente.” (Penna, 1999: 18). Dentre estes florianistas havia positivistas. Destaca-se, sobretudo, os pertencentes à Igreja Positivista do Brasil, doravante denominada IPB, sob liderança de Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Estes respeitavam uma liderança militar genuína, saída da aclamação popular, desde que o líder assumisse a tarefa de guiar o povo e sabiamente governar, sem pretensões democráticas com eleições e contagem de votos.

Esses expedientes eram desnecessários, pois segundo o Positivismo as leis naturais que regiam a sociedade já estavam dadas e não dependiam da vontade dos homens.

231

Para a direção política era necessário apenas o decreto de medidas por um líder sábio. Esse líder era Benjamin Constant, segundo os membros da IPB, os quais o incentivaram a proclamar a ditadura republicana, quando a República foi instituída em 15 de novembro de 1889 (Medeiros e Albuquerque, 1990: 41). Benjamin Constant não aceitou essa sugestão. Floriano Peixoto não era o líder sábio ideal, entendiam os pertencentes à IPB, mas tinha o carisma popular, além de ter participado “positivamente” para a Proclamação da República. Assim, o apoio ao governo de Floriano Peixoto era dúbio por parte da IPB, que entendia ser ele um líder forte e autoritário (características admiráveis para os positivistas), mas que se negou a implantar uma ditadura republicana.

As ações enérgicas, autoritárias e centralizadoras de Floriano Peixoto contribuíram para sua popularidade. O controle da crise herdada do governo de Deodoro resultou a consagração popular de Floriano Peixoto. O controle da Revolta da Armada, da Revolução Federalista, dos governadores dissidentes nos estados, legou-lhe a alcunha de “O Marechal de Ferro.” A liderança na defesa da República ameaçada tornou-o conhecido como “O Consolidador.” Os positivistas da IPB, mesmo com as ressalvas quanto às soluções políticas de Floriano Peixoto, também compartilhavam desse reconhecimento, ligando-o às ações de seus colaboradores. Diz Lemos:

Esse triunfo foi em boa hora obtido, graças ao admirável entusiasmo de nossa mocidade, á patriótica fidelidade da força publica de terra, ao acrizolado civismo de um punhado de oficiais de marinha, e á firmeza inquebrantavel do chefe da nação, que assim resgatou seus erros e fez esquecer suas grandes lacunas como estadista (Lemos, 1894: 19).

As opiniões dos positivistas da IPB a respeito do militarismo mudaram muito durante a Primeira República, e, durante o governo de Floriano Peixoto, as críticas ainda não eram tão contundentes. Ao publicar seu texto, Teixeira Mendes, em 1892, elogiou a classe militar, dizendo que ela concorrera para o bem da nação brasileira na Proclamação da República, mostrando que não era um elemento distinto do restante da nação; pelo contrário, trabalhava junto com os demais grupos.

São as relações entre Floriano Peixoto, positivistas, florianistas que interessam nesse ponto. Floriano Peixoto não era positivista, tampouco recebera total aprovação deles, como foi visto anteriormente. No entanto, ele era militar, pelo menos familiarizado com os princípios básicos da doutrina. A familiaridade dos militares com a doutrina positivista, por um lado, e o respeito dos positivistas à hierarquia, à disciplina e à ordem, por outro, possibilitaram que os dois grupos comungassem valores simbólicos comuns, o que não implicou, necessariamente, a defesa das mesmas ideias, práticas e soluções para o país. O apreço por demonstrações públicas de patriotismo, por cerimônias cívicas e por solenidades em exaltação a figuras nacionais para eles admiráveis era estratégia comum a positivistas e militares.

A imprensa e os críticos do Marechal não distinguiam com nitidez os florianistas. Ao analisar o meio literário carioca, composto de escritores/militantes críticos de Floriano Peixoto e de florianistas exaltados — por exemplo, Raul Pompéia —, Ferracin da Silva demonstra o ambiente de paixões doutrinárias, violências e perseguições políticas (Silva, 2001). Até mesmo os positivistas da IPB eram vistos como florianistas, embora negassem qualquer vínculo com os tumultos e ações violentas. Durante a Revolta da Vacina em 1904, foi reforçada a ideia de que todos os florianistas eram positivistas.

O apoio incondicional à República uniu positivistas e florianistas, embora seus métodos não coincidiram. Os positivistas atuavam principalmente pela via editorial, que propiciava a discussão, a exaltação dos ânimos, a polêmica e o debate público, buscando o convencimento pela força das ideias; e os florianistas se centravam nas ações de rua, com manifestações públicas, tumultos e confrontos violentos, e menos na palavra (Penna, 1997:112). A radicalidade das estratégias de ambos os grupos fez com que fossem vistos pelos opositores políticos como atuando conjuntamente, por mais que os positivistas da IPB negassem essa associação.

As atividades cívicas foram outro elemento que contribuiu para que florianistas e positivistas se aproximassem ou fossem vistos como parceiros político. Um levantamento permitiu que se elaborasse o quadro a seguir para mostrar uma parcela das encomendas que tiveram Floriano Peixoto por objeto ou homenagem.

Nome, tipo de imagem ou objeto	Autor	Envolvidos na encomenda	Ano provável da imagem ou objeto
Espada de ouro		Joaquim de Miranda e Horta	1894
Retrato a óleo de Floriano Peixoto		Silva Borges, dentista	1895
Retrato a óleo de Floriano Peixoto	Batut, Casa Fauchon, Paris		1895
Retrato a óleo de Floriano Peixoto		José Pedro Ferreira de Souza Coelho	1895
Retrato a óleo de Floriano Peixoto	Décio Villares		1895
Fitas verde-amarelas com fotografias de Floriano Peixoto			1895
Retrato a óleo de Floriano Peixoto		4º Batalhão de Artilharia da Guarda Nacional	1896
Quadro a óleo Ao Mais Digno	Eduardo de Sá	Comissão Glorificadora Marechal Floriano Peixoto	1900
Monumento público	Eduardo de Sá	Comissão Glorificadora Marechal Floriano Peixoto	1901-1910
Busto em gesso de Floriano Peixoto	Décio Villares	IPB	1900

As encomendas das imagens e as festas ou jantares de inaugurações, além de seus usos nos espaços públicos e domésticos, completavam um ritual de adoração a Floriano Peixoto e de fixação de sua imagem visual como o grande líder militar não apenas para seus seguidores, mas também para a população em geral.

Percebe-se que o suporte visual era fundamental para um culto personalista e cívico, que assegurasse uma lembrança visual de Floriano Peixoto entre tantos militares candidatos a heróis nacionais. Essas imagens eram tornadas públicas na imprensa

e faziam uma publicidade política em meio à campanha eleitoral de 1894 e no primeiro ano de governo de Prudente de Moraes, que sofreu grande oposição por parte dos florianistas. As imagens eram, assim, suportes fundamentais para o estímulo a uma cultura visual com pretensão popular e política. A seguir se apresenta na figura 01 uma fotografia de família que tem por fundo um retrato de Floriano Peixoto.

233



Figura 01:
Fotografia
Autoria: desconhecida
Acervo: Museu de Comunicação
Social Hipólito José da Costa/RS

A fotografia nos ajuda a refletir sobre o tipo de usos que poderiam ser feitos das imagens de líderes republicanos, principalmente em se tratando de um militar reverenciado como Floriano Peixoto. Longe de se tratar apenas de suportes visuais com fins políticos, as imagens de líderes serviam nos primórdios republicanos para uma espécie de culto cívico que entrou no ambiente doméstico, integrou-se à decoração da sala e foi objeto de reuniões, festejos, brindes e jantares de inauguração, promovendo, indiretamente, encontros para as conversas políticas. Na fotografia, a centralização do retrato de Floriano Peixoto no seio da família nos remete ao ideal de consolidador, de guardião, seja de seus admiradores, como o florianista retratado, seja da República.

Alguns Militares Positivistas: Militância, Idealismo e Artes Visuais

Dentre os diferentes tipos de positivistas havia, no meio militar, os que tinham sido alunos de Benjamin Constant na Escola Militar da Praia Vermelha, alcunhada pelos próprios alunos de Tabernáculo da Ciência. Castro demonstrou como esses alunos adquiriram uma cultura científicista, tendo por base a matemática, opondo-se assim à formação dos bacharéis de Direito que se centravam nos estudos clássicos. Em meio aos diversos ismos que compunham essa cultura científicista estava o positivismo, assumido por alguns alunos como culto religioso, e por outros, apenas como uma filosofia científica. Independente do credo assumido por cada aluno, as comemorações cívicas os mobilizavam em conjunto; porém, o autor demonstra, também, que a Religião da Humanidade — culto aos homens ilustres — deva substância a essas comemorações (Castro, 1995: 52).

O positivismo, portanto, por possuir um culto público e político, necessitava de suporte artístico para a realização de homenagens cívicas. No esforço de realizar esses eventos visualizam-se alguns militares envolvidos na promoção de obras de arte. Destaca-se, aqui, um ex-aluno de Benjamin Constant que se dizia positivista: Agostinho Raimundo Gomes de Castro. Longe de ser uma escolha aleatória, essa figura esteve envolvida em homenagens cívicas de toda a ordem, inclusive na confecção de monumentos públicos. Gomes de Castro escreveu sobre suas atividades, publicando livros e folhetos ou polemizando nos jornais, e nestes textos buscamos respostas para, primeiro, que positivismo professava; segundo, o que entendia por arte e; terceiro, como o positivismo deu suporte para suas atividades na promoção artística voltada ao civismo e nas suas

ações políticas de militância republicana.

234

Mais dois militares positivistas estiveram envolvidos na promoção de atividades cívicas e na produção de imagens a heróis nacionais. Ximeno de Villeroy recebeu orientação da IPB para as homenagens a Tiradentes e para o erguimento de uma coluna comemorativa na casa onde nasceu o inconfidente. Lauro Sodré, também positivista, porém totalmente independente da IPB, concedeu uma pensão artística a Carlos Gomes e presidiu a comissão para o monumento a Benjamin Constant, no Rio de Janeiro. É interessante como esses militares estiveram envolvidos em celebrações cívicas e confecção de obras de arte e imagens em geral, o que, certamente, era fruto de uma influência do positivismo, reforçada pelos hábitos ritualísticos do exército e por uma aguda sensibilização cívica no início da República. Na correspondência de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, há cartas de vários outros jovens militares pedindo orientação para os mais diversos assuntos, contribuindo com os subsídios à IPB e relatando suas iniciativas concernentes às comemorações e produção de imagens para a consolidação de um panteão cívico. A orientação “espiritual” dos mestres positivistas também se estendia a assuntos pessoais – casamento, carreira militar e vida política¹.

Renato Lemos analisou as estratégias dos positivistas da IPB e de alguns militares para emplacar a ideia de que Benjamin Constant foi o Fundador da República, isto por meio da construção de sua biografia, escrita por Teixeira Mendes, e pelas ações dos deputados constituintes militares, antigos alunos de Benjamin Constant (Lemos, 1999). A defesa para a manutenção da bandeira nacional também serviu de catalisador para ambos os grupos, além de contínuos esforços conjuntos para a realização de cerimônia cívicas. Da mesma forma, os membros da IPB e alguns ex-alunos de Benjamin Constant se uniram para organizar a comemoração cívica de um ano de sua morte. A frustração de não realizá-la os uniu na defesa do princípio positivista de separação entre Igreja e Estado, referente aos cemitérios das ordens religiosas.

Os Funerais do Marechal

Em junho de 1895 Floriano Peixoto morreu e deixou a seus apoiadores uma carta, um “testamento político” que iria empolgar as ações futuras de seus seguidores:

A vós, que sois moços e trazeis vivo e ardente no coração o amor da Pátria e da República, a vós corre o dever de ampará-la e defendê-la dos ataques insidiosos dos inimigos. Diz-se e repete-se que ela está consolidada e não corre perigo. Não vos feis nisso, nem vos deixeis apanhar de surpresa. O fermento da restauração agita-se em uma ação lenta, mas contínua e surda. Alerta! pois. A mim me chamais o consolidador da República. Consolidador da obra grandiosa de Benjamin Constant e Deodoro são o Exército Nacional e uma parte da Armada, que à Lei e às instituições se conservaram fiéis [...] é a Guarda Nacional, são os corpos de polícia da Capital e do Estado do Rio [...] é a mocidade das escolas civis e militares [...] finalmente, é o grande e glorioso Partido Republicano, que, tomando a forma de batalhões patrióticos ...²

Sob grande comoção foi realizado seu enterro, a maior manifestação popular ocorrida até então no Rio de Janeiro para cultuar a memória de um político. Assim afirmou Luiz Edmundo, jornalista que esteve presente em toda a solenidade: “Jamais uma romaria cívica, até hoje, logrou, que eu saiba, uma imponência igual. Os funerais de Rio Branco foram notáveis, foram, mas não tiveram, como os de Floriano Peixoto, a solenidade, a magnificência e até mesmo o concurso de uma tão grande massa popular.”³

Seu corpo foi embalsamado e colocado na Igreja da Cruz dos Militares, e a semana inteira recebeu multidões que passavam silenciosamente para ver seu corpo. As flores extras vindas de Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo para abastecer as floriculturas, logo acabaram. Ao enterro precedeu um cortejo pela cidade, formado por populares e onze Batalhões Patrióticos (formados por militares e civis, antes já organizados na Revolta da Armada para defender o governo do Floriano Peixoto). Luiz Edmundo também fala sobre a multidão:

235

Um terço dos moradores da cidade ou, talvez, mais, assistiu à solene passagem desse cortejo, que levou horas e horas a desfilar. Pelas calçadas, portas e janelas das casas, toda uma multidão se aglomerava, em cachos. Vi homens de joelhos, pelas ruas, senhoras que choravam. Gente trepada pelos combustores da iluminação, pelos postes dos fios telegráficos e até pelos beirais de altos e íngremes telhados...⁴

No cemitério, houve discursos emocionados à beira de seu túmulo. Foram atos solenes de reverência ao morto e, sobretudo, atos políticos que precisavam ser publicizados aos oponentes, reforçando o discurso da República não corrompida, inaugurada por Benjamin Constant e reforçada por Floriano Peixoto. Entre esses atos também houve leitura de poesias, como a do positivista da IPB Generino dos Santos — Irmãos d'armas: junto aos túmulos de Benjamin Constant e Floriano Peixoto —, escrita em 1895 e lida juntamente com inúmeros discursos à beira do túmulo de Floriano. Embora fosse ele o homenageado com o poema, Benjamin Constant também ganhou destaque, estando em ordem cronológica inclusive no título do poema.

O primeiro aniversário da morte de Floriano Peixoto também seguiu esse modelo apoteótico, ocorrendo uma grande procissão cívica pela cidade do Rio de Janeiro com diversos representantes da sociedade civil e militar, onde se destacaram a IPB, o Clube Militar, a Guarda Nacional, o Partido Republicano Federal, a Escola de Medicina, entre outras associações. A visita ao túmulo de Floriano Peixoto continuou, sempre no aniversário de sua morte, nos anos seguintes.



Figura 02:

Fotografia sob cartão.

Legenda superior: Comemoração no Rio de Janeiro do 1º Aniversário do falecimento do Marechal Deodoro (Legenda original).

Legenda inferior: O desfile do préstito cívico pelo Catete em frente ao novo palácio do Governo (Legenda original).

Autoria: Atelier Daguerre.

Acervo: Arquivo da Igreja Positivista do Brasil/RJ.

É interessante notar os objetos que eram produzidos para estas comemorações cívicas e fúnebres. A figura 02 não é apenas uma imagem da procissão cívica até o túmulo de Floriano Peixoto em seu 1º Aniversário de morte, mas exemplifica uma produção fotográfica para ser guardada como recordação; mostrar às visitas ou enquadrar e integrar à decoração da sala. Neste caso, em se tratando de uma atividade pública e política, e provavelmente mais masculina que feminina, destinava-se, talvez, a decorar o escritório. Esse tipo de objeto nos faz refletir sobre seus usos e incorporação ao cotidiano e como a vivência do político poderia

ocorrer para além das disputas partidárias e ideológicas. O estudo de rituais permite esse olhar para o político, e o estudo da produção e usos de imagens e objetos o complementa.

236

Apresenta-se a seguir outra imagem utilizada como objeto político, produzida pelo artista positivista Eduardo de Sá em 1900 e encomendada por florianistas. Trata-se de uma representação de Floriano Peixoto em seu leito de morte: quadro pintado em óleo sobre tela, depois fotografado, litografado e impresso em pequenos cartões que eram distribuídos nas comemorações anuais de sua morte.



A reverência à morte, o culto à memória do falecido e sua produção de imagens visuais eram maneiras de consolidar a entrada para a História. Por meio dessas formas de recordação, Floriano Peixoto continuava a pautar as ações de seus seguidores. “Mais do que militar, o pensamento jacobino revela clara influência positivista na defesa que faz [...] do culto aos heróis concretizado na glorificação de Floriano cuja figura foi por eles elevada à condição de mito.” (Queiroz, op. cit: 79). Embora o Positivismo não cultuasse qualquer forma de fé sobrenatural, mitológica, ou o que chamavam de crenças metafísicas, o culto a Floriano e a outras lideranças republicanas, principalmente, a Benjamin Constant, era uma forma de culto cívico laico. Seguindo moldes russonianos, cuja associação entre imagem-lembrança-culto-emoção foi utilizada largamente para a fixação de heróis da Revolução Francesa, o culto cívico servia – na situação brasileira de instabilidade política na primeira década republicana – como estratégia de fixar a imagem única de um líder que reunisse características a serem admiradas e seguidas: republicano e militar.

Na figura 03, o busto de Benjamin Constant ao fundo do quadro, a alegoria republicana que ergue os louros da vitória e Floriano envolto na bandeira republicana reforçam a ideia dos serviços que os militares prestaram ao país ao proclamarem a República. Todas estas imagens simbólicas precisavam ser fixadas mentalmente principalmente na transição para o governo civil. A mobilização dos florianistas era, portanto, cívico-política e demandava comemorações e imagens visuais como estratégias de lembrança e de fixação de ideias.

O mandato do primeiro presidente civil Prudente de Moraes não fora tranquilo, e isso os florianistas trataram de garantir, culminando com um atentado frustrado à sua vida, em novembro de 1897. Militares florianistas importantes estavam envolvidos. Houve o boato de que se tratava de uma conspiração do Clube Militar e também de uma tentativa do vice-presidente da nação, o florianista Manuel Vitorino Pereira, de assumir interinamente. Corriam insinuações na imprensa de que os positivistas da IPB também eram responsáveis, em certa medida, embora, indiretamente, por “aconselhar a ditadura republicana, por querer suprimir as crenças religiosas, e por ter corrompido o espírito cristão de nossos soldados!” (Lemos, 1899: 53). Após o julgamento, as ações enérgicas

do governo tentaram conter as forças florianistas organizadas, proibindo a formação dos batalhões patrióticos, fechando o Clube Militar e reprimindo as manifestações na Escola Militar.

237

Quando o terceiro mandato civil parecia ter debelado as forças florianistas, em 1904 houve a tentativa do Clube Militar de entregar um *ultimatum* ao presidente Rodrigues Alves e tomar o poder com o apoio dos alunos da Escola Militar do Realengo e da Praia Vermelha, mas a ação foi frustrada pelas forças do governo. Contribuíram para esse ano de conflitos as greves operárias, em abril e maio e a Revolta da Vacina, a partir de outubro. Ainda em 1904, e não menos mobilizadora, iniciou-se a campanha de subscrição pública de florianistas e positivistas para erguer um monumento a Floriano Peixoto, em um dos pontos mais centrais da cidade do Rio de Janeiro. Essa foi a principal encomenda dos militares florianistas/positivistas agremiados na Comissão Glorificadora do Marechal Floriano Peixoto e liderados por Agostinho Raimundo Gomes de Castro. Ele será analisado a seguir como um exemplo de militar que aliava crença positivista com ações florianistas e que se utilizava largamente do ato comemorativo como forma de disseminação de ideias político-cívicas.

Agostinho Raimundo Gomes de Castro e a Promoção Cívico-Cultural

Porte esbelto, figura suavemente sympathica e estheticamente bella, indicando habitos mais inclinados a disposições affetivas e intellectuaes que activas, tem o nosso patrício trato finíssimo e costumes modestos. Quem o vê na intimidade, sem levar em conta suas lutas cívicas, crê-lo-hia ao contrario incapaz de arrostar o perigo, a morte, os ódios, as perseguições. Outro engano! (Sodré, 1905: 13)

Estas são palavras de Lauro Sodré, defendendo o amigo e colega Gomes de Castro no Plenário Militar em 1905, quando este estava sendo julgado por participar da tentativa de golpe ao governo de Rodrigues Alves, organizado no Clube Militar. Gomes de Castro havia sido designado para comandar o levante dos alunos da Escola Militar do Realengo, mas acabou sendo preso pelo Comandante da Escola. Anos antes também havia comandado o Batalhão Acadêmico em Niterói para defender o governo de Floriano Peixoto e chefiado a comissão militar que se estabeleceu em território acreano. Lauro Sodré relata as atividades de comando do militar maranhense e também chama a atenção para sua dedicação às atividades de cunho cívico. Para o amigo, Gomes de Castro tinha uma orientação segura e inabalável, que o tornava inflexível na defesa da República, chegando a confrontar-se com Floriano Peixoto, quando em seu governo tentaram modificar a bandeira nacional⁵, e com Júlio de Castilhos, quando este foi cogitado a candidatar-se a presidente da República. Diz o amigo que ambos calaram-se respeitosos diante da coragem audaciosa de Gomes de Castro. Não obstante o artifício retórico de Lauro Sodré, estes não foram os únicos confrontos em que Gomes de Castro se envolveu.

Longe de ser apenas uma característica pessoal, a inflexibilidade de caráter de Gomes de Castro tinha base no positivismo. Ele unia o idealismo da juventude com certa onipotência, legada pelo cientificismo positivista, e a coragem para ação própria de sua carreira militar. Não é possível saber quando o positivismo entrou na sua vida, mas membros da família tinham laços com os líderes da IPB. Seu irmão, Carlos Agostinho Gomes de Castro, pertencente à marinha militar, era crente da Religião da Humanidade. Embora não fosse filiado à IPB era correspondente assíduo com seus líderes e contribuinte com o subsídio positivista. Na correspondência passiva de Teixeira Mendes também se encontram inúmeros telegramas de Francisca Gomes de Castro, esposa de Gomes de Castro. Nesta missiva, inúmeras vezes ela solicitava a visita do apóstolo positivista para levar palavras de conforto quando seu marido estava doente, além de convidá-lo para o casamento dos seus vários filhos.

Em 1922, Gomes de Castro tinha nove filhos. Todos tinham nomes que seguiam uma tradição positivista de homenagens aos mortos que deveriam ser venerados. Rosália Beatriz, Marina, Clotilde, Sophia e Francisca Heloíza eram nomes que lembravam o positivismo; Branca Bathilde, Bathilde Mônica e Carmem, provavelmente nomes de mulheres da família; e José Bonifácio e Benjamin Constant eram nomes visando a evidentes homenagens cívicas. Esse último tinha por madrinha Maria Joaquina (esposa de Benjamin Constant) e por padrinho Teixeira Mendes (o diretor da IPB).⁶

238

As relações de Gomes de Castro com os diretores da IPB sempre foram um misto de reverência e impertinência. Ele tinha uma leitura própria do positivismo que lhe dava subsídios para as práticas cívicas e nunca conseguiu ter a aprovação da IPB, devido ao envolvimento em atividades violentas por ser um florianista exaltado. Sua correspondência com os líderes da IPB não é volumosa, há algumas cartas em 1894 e 1895 tratando das colaborações ao subsídio positivista e, depois, entre 1911 e 1920, tratando com Teixeira Mendes de assuntos familiares e uma homenagem cívica organizada pelo militar, fruto inclusive de grande divergência entre ambos. Mas esse desacordo não impedia o militar de tratar Teixeira Mendes como mestre, amigo, confrade (tratamento usado pelos crentes do positivismo).

As exigências doutrinárias aos aderentes da IPB eram inúmeras, e poucos conseguiam atendê-las para ingressar formalmente no grêmio religioso ou manter-se nele. Mas isso não impedia que militares como Gomes de Castro, não adeptos formais da IPB, tivessem um relacionamento reverente para com os líderes da IPB, aceitando conselhos nas atividades cívicas e também no plano pessoal. Por exemplo, quando um membro da família Gomes de Castro morreu, em 1915, o militar solicitou a visita de Teixeira Mendes para confortá-lo pelo duro golpe. Isso mostra como os chefes da IPB tinham uma rede de influências ampla que ultrapassava os limites do ser adepto ou não do positivismo religioso. Com isso, não basta afirmar que estes militares não eram positivistas religiosos porque não fizeram o sacramento da apresentação, necessário para ingressar formalmente na IPB; eles aceitavam a autoridade religiosa dos sacerdotes e tentavam viver religiosamente o positivismo, mesmo que não institucionalmente. Suas atividades voltadas à promoção artística demonstram que buscavam desenvolver o culto público do positivismo. Gomes de Castro liderou algumas promoções cívicas não referendadas pela IPB, demonstrando que, embora tivesse reverência às suas lideranças, apresentava independência na atuação positivista e política.

O Positivismo e o Recurso às Insurreições é o título de um folheto lançado pela IPB, em 1906, em resposta ao artigo *O Positivismo e o Direito de Insurreição*, publicado nos jornais por Gomes de Castro. No artigo, o militar justificava a insurreição de novembro de 1904 contra a vacinação obrigatória no Rio de Janeiro, em que foi um dos líderes, argumentando que Augusto Comte condenava o recurso às revoluções apenas quando estas eram injustas, mas quando representavam um recurso extremo contra a tirania (que, para ele, era o caso brasileiro), os cidadãos estavam plenos de direito. Mas o que mais revoltou os positivistas da IPB foi o fato de o militar ter se utilizado de seus folhetos para justificar a insurreição, dizendo sobre o ano de 1904: “Os monumentais artigos do próprio Sr. Teixeira Mendes contra o despotismo me fêz pegar ainda uma vês em armas em defeza da liberdade.” (Mendes, 1906: 23). Essa frase de Gomes de Castro é reveladora porque mostra a relação conflituosa entre a juventude militar idealista ligada aos eventos da proclamação da República, e ainda mobilizada na Revolta da Vacina em 1904, e a ortodoxia da IPB.

Gomes de Castro foi representativo de jovens militares atuantes nos primeiros anos republicanos. Junto com ele poderíamos citar Ximeno de Villeroy, Barbosa Lima, Tasso Fragoso, Anibal Eloi Cardoso – com missivistas regulares com Miguel Lemos e Teixeira Mendes e contribuintes com o subsídio positivista. Todos tinham cerca de 40 anos na Revolta da Vacina, sentiam-se traídos pelo excesso de purismos doutrinários dos líderes da IPB e por aquilo que Gomes de Castro chamou de uma “teoria clerical da obediência passiva.” (Ibidem: 107). O final do artigo do militar defendendo as insurreições é um manifesto de independência da IPB: embora não negasse que devia muito ao ensino e às prédicas religiosas de Teixeira Mendes, Gomes de Castro dizia que não necessitava de seu *placet* e do seu Apostolado para ser positivista. O desfecho dessa contenda revela um Gomes de Castro arrependido, pedindo desculpas a Teixeira Mendes e à IPB, dias depois. Porém, essa disputa por competências na interpretação de textos de Augusto Comte e de práticas condizentes com a doutrina já estava estabelecida, inclusive na promoção de obras de arte. Gomes de Castro e a IPB iriam disputar também aptidão na promoção de atividades cívico-culturais.

É surpreendente a variedade de comissões glorificadoras, sociedades, clubes republicanos, lista de subscrição – que recolhiam donativos para a mãe desamparada de um militar morto; para a tradução e publicação de um livro; para a construção de um monumento público – intensificadas com a instituição da República –, todas formas de participação política que demonstram um desejo de intervenção que extrapolava a experiência política partidária e uma aguda sensibilização cívica no início da República. A historiografia que trata da Primeira República pouco se dedicou a pesquisar e analisar essas formas de práticas políticas. Renato Lemos mostra a variedade de organizações que Benjamin Constant foi convidado a integrar ou a que aderiu por iniciativa própria (Lemos, op. cit.: 221 e 330). Seguindo esse exemplo, faz-se lista semelhante para Gomes de Castro, no quadro a seguir. Nele, mostram-se as comissões em que Gomes de Castro esteve envolvido, os cargos que ocupou e as obras de arte produzidas. A referência a essas obras não significa encomenda direta por parte do militar, pois nem sempre era presidente das comissões que integrava, mas que as práticas cívicas de que participava demandavam estes objetos artísticos. A pesquisa para a elaboração deste quadro revelou que os artistas positivistas Décio Villares e Eduardo de Sá – atuantes na IPB – colaboravam muito nas comissões citadas.

Ano	Comissão	Função	Obra de arte ou objeto	Observação
1892	Comemoração Cívica junto ao túmulo do fundador da República.		Quadro e Busto de Benjamin Constant – Décio Villares.	Petição ao presidente da República para a realização da cerimônia.
1895	Comissão Glorificadora do Marechal Floriano Peixoto.	Presidente		Organização de romarias ao túmulo de Floriano Peixoto.
1898	Grupo de Ação Positivista.			Fundado no Maranhão.
1899	Sociedade Benjamin Constant – Comissão para devolução dos troféus da guerra do Paraguai.		Quadro de Benjamin Constant no Gabinete – Eduardo de Sá	Devolução dos troféus de guerra ao Paraguai. Presidente da Comissão: Raul do Nascimento Guedes.

1900	Comissão Glorificadora do Marechal Floriano Peixoto – 5ª Comemoração.	Presidente	Bustos de Tiradentes, José Bonifácio, Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant e Floriano Peixoto.	Préstimo cívico com andores ao túmulo de Floriano Peixoto em 29 de junho de 1900.
1901	Membro da Diretoria do Clube Militar do Rio de Janeiro.	Secretário		Gestão 1901-1905. Também integrava a Comissão de Redação.
1901	Sociedade Benjamin Constant – Comissão para comemoração da Independência do Paraguai.	Orador		Quadro Francia – Eduardo de Sá.
1904	Comissão Glorificadora do Marechal Floriano Peixoto.	Presidente	Monumento a Floriano Peixoto – Eduardo de Sá.	Encomenda do monumento a Floriano Peixoto.
1904	Comissão do Monumento a Monroe.		Monumento a Monroe.	
1908	Comissão Glorificadora do Natalício da Bandeira da República.			
1911	Comissão para o túmulo da Imperatriz Leopoldina.	Presidente	Mausoléu para a Família Imperial.	Transladação dos restos mortais do Convento da Ajuda para o de Santo Antonio. O Mausoléu não foi construído segundo direção de Gomes de Castro.
1912	Comissão Cívica do Fundador da República.	Presidente		Subscrição para comemoração cívica em 15/11/1912.
1913	Subscrição para o monumento a Benjamin Constant.	Tesoureiro	Monumento público a Benjamin Constant – Décio Villares.	O monumento não foi realizado por essa comissão Presidente da Comissão: Lauro Sodré.
1921	Culto Cívico a Maria Joaquina Botelho de Magalhães.			Homenagem cívica à esposa de Benjamin Constant.

Gomes de Castro, que estava com 25 anos quando a República foi instituída, viveu intensamente várias formas de participação política e integrou muitas comissões. Certamente foi a presidência da Comissão Glorificadora do Marechal Floriano Peixoto que lhe deu maior visibilidade. Criada para organizar as visitas anuais ao mausoléu nas comemorações de morte de Floriano Peixoto e para erguer seu monumento, a Comissão reunia seguidores católicos, positivistas, civis, militares, jornalistas, escritores, sob liderança de Gomes de Castro. Um artigo na *Folha do Dia* (Rio de Janeiro) reconhecia que o major Gomes de Castro era o principal organizador das romarias cívicas ao túmulo de Floriano Peixoto, em 29 de junho, mantendo o fervor desse culto cívico ao “grande brasileiro”.⁷

Como presidente da Comissão Glorificadora, Gomes de Castro imprimia aos eventos por ele organizados forte conotação positivista, por exemplo, a 5ª Comemoração Cívica no aniversário de morte de Floriano Peixoto, em 1900: um préstimo cívico de cinco andores, cada um com cores diferenciadas e bustos. No texto explicativo não há referências ao positivismo, mas a justificativa histórica da ordem do préstimo seguia a ideia positivista de continuidade histórica entre Império e República (Castro, 1900).

Os personagens do préstito também obedeciam a essa continuidade:

241

1º. Andor – roxo-verde – Tiradentes

2º. Andor – verde-amarelo – José Bonifácio

3º. Andor – encarnado-verde – Deodoro da Fonseca

4º. Andor – verde-branco – Benjamin Constant

5º. Andor – auri-verde – Floriano Peixoto

Não há referências à autoria dos bustos utilizados no préstito, mas tudo indica que eram de Décio Villares. Constatou-se que a IPB possuía em seu acervo tais obras, mas não há indicação de que tenham sido emprestadas para o evento. Os bustos usados nos préstitos eram normalmente de gesso policromado, por serem mais leves e visualmente atraentes pelo colorido, mas também porque permitiam grande número de cópias.

Em 1901, Gomes de Castro era membro da Comissão de Redação da Diretoria do Clube Militar, reaberto neste ano. Na ata de reabertura consta que o militar recolheu o patrimônio do Clube quando este foi fechado em 1897 (Almeida, 1979), após a tentativa de assassinato do presidente Prudente de Moraes, e não cita objetos artísticos, embora o Clube já possuísse, em seu acervo, desde 1890, os retratos feitos por Villares, de Deodoro da Fonseca e Benjamin Constant. O inventário no Clube Militar e estudo em suas atas demonstram que Villares foi o primeiro artista a ter obras a compor seu acervo, mas nele não consta a presença de bustos; é possível, assim, que a Comissão Glorificadora tivesse seu próprio acervo de bustos.

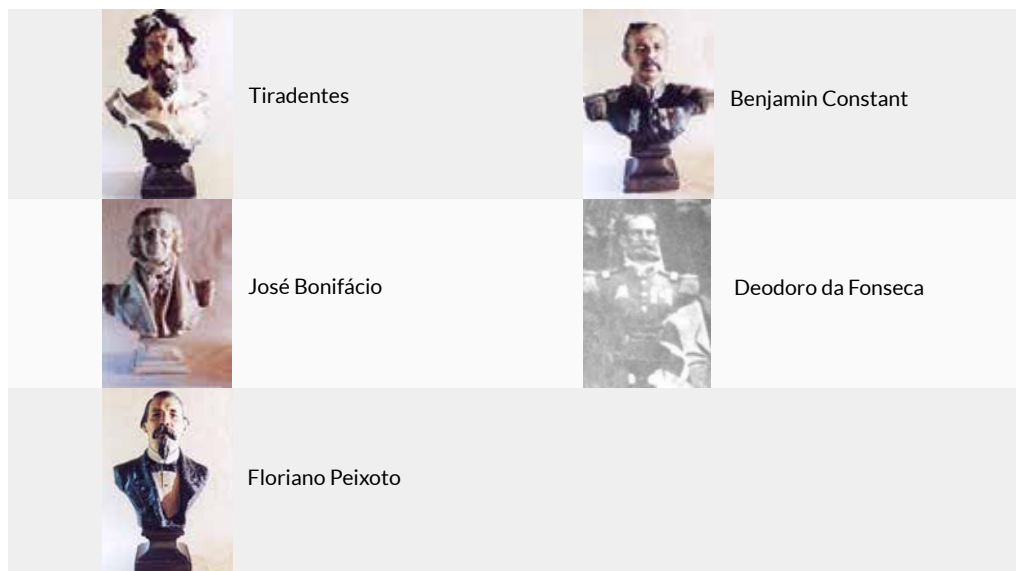
Na sede da Comissão Glorificadora do Marechal Floriano, sediada na Rua do Ouvidor, nº 127, é possível que tenham ficado depositadas as obras de arte do acervo do Clube Militar, quando este ficou interditado entre 1897 e 1901. Viu-se que a Comissão tinha apreço por objetos artísticos, pois em 1900 sediou a exposição do quadro *José Bonifácio: a fundação das Pátrias Brasileiras*, de Eduardo de Sá. Três anos após, seu irmão Francisco de Sá lideraria a comemoração do 8º ano de morte de Floriano Peixoto na mesma Comissão Glorificadora (Sá; Cavalcanti; Guedes, 1903: 1).

O Clube Republicano ou Sociedade Benjamin Constant, integrado por positivistas que colaboraram com o subsídio para a construção do Templo da Humanidade no Rio de Janeiro, – e é possível que Gomes de Castro fosse o tesoureiro, pois enviou carta a Miguel Lemos tratando do assunto⁸ – também encomendou quadros a Eduardo de Sá: em 1899, o quadro *Benjamin Constant no Gabinete*, doado a cidade de Assunção, Paraguai⁹, e, em 1901, o quadro *Francia!*, para a comemoração da Independência do Paraguai¹⁰.

É possível que essas associações, muitas vezes compostas pelos mesmos integrantes, compartilhassem seu acervo de objetos artísticos, bandeiras e estandartes. O quadro de *Francia!* foi exposto na festa cívica da Independência do Paraguai, organizada pela Sociedade Benjamin Constant, em 1901, e integrava o conjunto decorativo do salão da Escola Politécnica, onde ocorreu o evento. Os bustos de Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Benjamin Constant e José Bonifácio compunham a decoração, juntamente com estandartes, flores, bandeiras das nações americanas e escudos com nomes dos líderes nacionais¹¹. O artigo de jornal que relata a comemoração e descreve a decoração do salão não informa a autoria dos bustos, e é bastante provável que fossem os mesmos do préstito cívico organizado por Gomes de Castro, um ano antes,

em homenagem a Floriano Peixoto. A seguir apresentam-se imagens dos bustos de Décio Villares, talvez usados nas cerimônias organizadas por Gomes de Castro. Os bustos são parte do acervo da Capela Positivista de Porto Alegre, filial da IPB, exceto o busto de Deodoro da Fonseca, obtido de uma reprodução fotográfica. A IPB possui a mesma coleção de bustos.

242



Em 1911, Gomes de Castro presidiu a comissão para o monumento fúnebre da Imperatriz Leopoldina, realizando a transladação de seus restos mortais do Convento de Nossa Senhora da Ajuda para o Convento de Santo Antônio, ambos no Rio de Janeiro. Ele enviou o convite da solenidade aos positivistas da IPB, que não compareceram por não estarem convencidos dos serviços de Dona Leopoldina à Pátria e por serem contra atos de transladação de restos mortais. A lista de subscrição também foi enviada à IPB e devolvida a Gomes de Castro, com a justificativa de que não poderiam participar dessa iniciativa cívica por razões doutrinárias. Todos esses atos foram acompanhados de publicação de longos artigos nos jornais, com réplicas e trélicas de ambos os lados, e com a publicação de folhetos pela IPB¹².

A divergência resume-se a uma questão de estética positivista: quem deve ser homenageado em monumentos fúnebres e quem deve homenagear. Para Gomes de Castro, a Imperatriz deveria ser homenageada civicamente, pois teve decisiva colaboração na Independência nacional. Tomava como evidência e testemunho disso a frase de Menezes Drummond, amigo e confidente de José Bonifácio: “Fui testemunha ocular e posso asseverar aos contemporâneos que a Princesa Leopoldina cooperou vivamente dentro e fora do paiz para a Independência do Brasil. Debaixo desse ponto de vista o Brasil deve a sua memória gratidão eterna.”¹³ Para os membros da IPB, a Imperatriz não fora tão importante para a pátria, portanto, a homenagem não deveria ser cívica, mas familiar, cabendo fazê-la somente os membros da família imperial.

A intenção de Gomes de Castro era transladar provisoriamente o corpo da Imperatriz para o Convento de Santo Antônio até que o Pantheon da Família Imperial estivesse pronto no Cemitério de São João Baptista. Em carta ao Conde e a Condessa d’Eu, o militar dizia que a obra teria proporções que permitiriam guardar os restos mortais de todos os membros da família imperial e predominaria na sua concepção, o catolicismo.

No relato, ele ainda informa que, sob sua responsabilidade, fora montada uma comissão para erguer a obra e recolhidos subsídios em vários órgãos do governo e em diferentes grupos sociais¹⁴. Em 1937, o corpo da Imperatriz foi transferido para um Mausoléu no interior do Convento de Santo Antônio, construído por iniciativa do Frei Basílio Roewer e, em 1957, novamente trasladado para o Monumento do Ipiranga, em São Paulo. Não há informações de por que Gomes de Castro não concluiu a iniciativa do Panteon; importa, apenas, destacar sua mobilização doutrinária para realizá-lo — razões cívicas de gratidão à família imperial por sua contribuição ao passado brasileiro.

De todas as comissões compostas por Gomes de Castro, certamente a do subsídio para erguer um monumento a Floriano Peixoto foi a que mais lhe consumiu dedicação. Nesta, pôde exercer o papel de promotor positivista de obras de arte cujo papel intelectual de orientador do artista é fundamental. Na figura 05 apresentam-se duas fotografias do monumento a Floriano Peixoto, obra de Eduardo de Sá. Não é nosso objetivo discutir o monumento, mas é importante ressaltar que se trata de uma obra que comemora a composição “multirracial” da população brasileira e a trajetória histórica que chega até Floriano Peixoto, que porta uma espada, como o defensor da República¹⁵.



Em 1910, quando o monumento a Floriano Peixoto foi inaugurado, Gomes de Castro publicou um livro, uma espécie de relatório, prestação de contas e livro de memórias dos quase nove anos em que coordenou o projeto de construção do monumento. A introdução do livro — *Apreciação Geral da Arte* — revela a leitura que Gomes de Castro fez de um texto de Auguste Comte sobre estética (Comte, 1912). Era uma didática lição de estética positivista, sem a qual o monumento a Floriano Peixoto não poderia ser bem compreendido. Gomes de Castro revela-se, assim, um encomendante plenamente ciente da função da arte, do papel do artista, do status de Floriano Peixoto na síntese histórica brasileira e do suporte adequado para homenageá-lo: uma escultura monumental, a mais estética das artes da forma, segundo o positivismo. Neste entendimento, a arte tem uma função definida: comemorar o passado e aperfeiçoar o presente. Há no positivismo uma síntese histórica — um programa do passado que deve ser percorrido, lembrado, comemorado — e um elenco de personagens que devem ser reverenciados e contemplados por meio de imagens, cumprindo a Arte, portanto, seu papel social e político (Castro, 1910).

Conclusão

Procurou-se mostrar como Floriano Peixoto ingressou no panteão cívico brasileiro após sua morte em 1895 e quais foram as estratégias utilizadas por seus seguidores para exaltarem sua memória. Militares e civis estiveram mobilizados em celebrações

públicas que demandaram a produção de imagens visuais, sem as quais a lembrança, a reverência e a celebração cívica não seriam possíveis. Também observou-se que os membros da Igreja Positivista do Brasil, sob liderança de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, e militares sob sua influência, promoviam atividades culturais e encomendavam obras de arte e de imagens em geral e que isto integrava seus ritos cívicos. O novo regime republicano de 1889 permitiu variadas formas de vivência e militância política, e exemplificou-se por meio das atividades do militar florianista e positivista Gomes de Castro. Para ele, encomendar um quadro ou um monumento, planejar uma comemoração cívica, lutar em um Batalhão Patriótico ou discursar na Câmara, eram atividades políticas obrigatórias por parte de patriotas republicanos.

244

A análise das atividades cívico-culturais promovidas por Gomes de Castro serviram para dirigir um olhar mais atento para a primeira década republicana brasileira. O militar sendo um entusiasta florianista promoveu ou esteve envolvido em atividades que aliavam fé republicana, cultura cívica e ação política. O ambiente e sensibilidade públicos nos primeiros anos da República foram palco privilegiado para cidadãos que desejavam vivenciar politicamente o novo regime. Se a atividade era funérea ou festiva, parecia pouco relevante, o que se percebeu foi um desejo eufórico de vida política pautada por adesismos doutrinários algumas vezes pouco precisos (o que não se aplica ao militar Gomes de Castro). Mais privilegiado ainda o olhar quando se trata de analisar o fenômeno político do florianismo, pela capacidade que Floriano Peixoto teve de mobilizar radicalmente seus seguidores e seus críticos. Diferentemente de Deodoro da Fonseca ou Benjamin Constant, Floriano Peixoto não deu margem à moderação política, e talvez essa seja a chave para compreender a cultura política republicana nos seus primeiros anos marcados por profundo entusiasmo.

Somente Getúlio Vargas, quase meio século depois, conseguiu mobilizar a atenção cívico-popular, mas a estratégia de sensibilização do cidadão foi outra e não pode aqui ser comparada às atenções espontâneas que Floriano Peixoto recebeu. Permaneceram, contudo, a produção exaustiva de imagens visuais e as atividades coletivas de rua, que necessitavam de um cidadão republicano envolvido, entusiasmado, mobilizado em suas emoções, seja para contemplar as imagens de heróis nacionais, seja para integrar uma parada cívica.

A cultura política na primeira década republicana foi, assim, visual, sensível, emocional e exigiu cidadãos mobilizados. Quando se abandona um pouco o olhar da História pela via do texto-discurso e passa-se a observar também práticas políticas, pode-se então notar que imagens visuais, comemorações, eventos culturais cívicos também eram carregadas de ideias políticas, só que expressas não pela via da linguagem textual. Pode-se também perceber que a noção de participação política estava para além do voto. Afinal, mesmo os cidadãos analfabetos que não votavam tinham uma vivência política quando contemplavam uma imagem, tentando desvendar quem era aquele retratado ou lotavam as ruas nas festividades cívicas. Os florianistas analisados foram hábeis em promover essa cultura republicana que se pretendia popular. O cidadão estava nas ruas, se cômico de suas ideias e estratégias políticas, como se mostrou com o florianista Gomes de Castro, ou se um curioso que queria apenas ver a procissão cívica passar, a resposta é uma questão de ajustar o foco.

(Recebido para publicação em Abril de 2013)

(Reapresentado em Junho de 2014)

(Aprovado para publicação em Junho de 2014)

Cite este Artigo

LEAL, Elisabete da Costa. Floriano Peixoto e seus consagradores: um estudo sobre cultura cívica republicana (1891-1894). **Revista**

Estudos Políticos: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF) e do Núcleo de Estudos em Teoria Política (UFRJ). Rio de Janeiro, Vol. 5, N. 1, pp. 229 – 247, dezembro 2014. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>.

245

Notas

1. Entre os militares, ex-alunos de Benjamin Constant, que se correspondiam com Miguel Lemos e Teixeira Mendes, estão: Agostinho Raymundo Gomes de Castro, Alexandre A. Leal, Aníbal Eloí Cardoso, Augusto Tasso Fragoso, Barbosa Lima, Candido Mariano da Silva Rondon, Carlos Agostinho Gomes de Castro, Inocêncio Serzedelo Corrêa, José Beviláqua, Lauro Sodré, Manoel Rabello, Pedro Dantas, Saturnino Cardoso, Ximeno de Villeroy.
2. Apud CARONE, Edgar. *A República Velha – II evolução política (1889-1930)*. 4. ed. São Paulo: Difel, 1983, pág. 163.
3. EDMUNDO, Luiz. Apud SODRÉ, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil*. 2. ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 176.
4. Idem, *Ibidem*: 176.
5. Sobre o manifesto positivista dos alunos da Escola Superior de Guerra contra a ideia de modificação da bandeira nacional ver: CARVALHO, 1990: 115.
6. *Carta de Gomes de Castro a Maria Joaquina Botelho de Magalhães*. Rio de Janeiro. 27.02.1897; Natal. 15.11.1898; Maranhão (sic). 01.03.1897. Museu Casa Benjamin Constant/Inventário Maria Joaquina.
7. Major Gomes de Castro. Folha do Dia. 22.04.1910.
8. *Carta de Gomes de Castro a Miguel Lemos*. Rio de Janeiro. 08.12.1895. Arquivo IPB.
9. Quadro de Benjamin Constant. *O Paiz*, s/d.
10. A Independência do Paraguay. *Jornal do Brazil*, 15.10.1901.
11. A Independência do Paraguay. s/r. 15.05.1901.
12. Carta de Gomes de Castro a Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Rio de Janeiro. 08.11.1911. Arquivo IPB e MENDES, R. Teixeira. *Ainda a comemoração social e a situação moderna – reflexões a propósito da subscrição pública para erigir-se no Cemitério São João Batista, um monumento a Imperatriz D. Leopoldina e seus descendentes*. Rio de Janeiro, 1912. Arquivo IPB.
13. *Carta de Gomes de Castro ao Conde de Affonso Celso, Presidente do IHGB*. Rio de Janeiro. 21.02.1922. Lata 565, Pasta 106. IHGB.
14. *Carta de Gomes de Castro ao Conde e a Condessa d'Eu*. Rio de Janeiro. 28.11.1911. Lata 479, Pasta 18. IHGB.
15. Sobre as obras de artistas positivistas: LEAL, Elisabete da Costa. *Filósofos em Tintas e Bronze: arte, positivismo e política na obra de Décio Villares e Eduardo de Sá*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado, IFCS/UFRJ, 2006.

Referências Bibliográficas

246

ALMEIDA, Isnard Pereira de. *Resumo Histórico dos 91 Anos do Clube Militar. Anexo 1 – Ata da sessão de reabertura do Clube Militar*. 14.07.1901. 1979. Mimeografado. Arquivo Clube Militar.

CARONE, Edgar. *A República Velha – II evolução política (1889-1930)*. 4. ed. São Paulo: Difel, 1983.

CASTRO, Celso. *Os militares e a República – um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CASTRO, Gomes de. *Culto Pátrio. Comissão Glorificadora do Marechal Floriano Peixoto. 5ª. Comemoração Cívica*. Rio de Janeiro, 1900.

_____. *O monumento a Floriano Peixoto – escultura epopéia do Brasil por Eduardo de Sá*. Rio de Janeiro: Typ Leuzinguer, 1910.

COMTE, Auguste. *Aptitude esthétique du positivisme*. Tome I. Discurs préliminaire – 5a. Partie. In: *Système de Politique Positive*. Paris: Librairie Positiviste, 1912.

LEMOS, Miguel. 13ª. *Circular Anual do Apostolado Positivista no Brasil. (Ano de 1893)*. Rio de Janeiro: Arquivo IPB, 1894.

_____. 17a. *Circular Anual do Apostolado Positivista no Brasil. (Ano de 1897)*. Rio de Janeiro: Arquivo IPB, 1899.

LEMOS, Renato. *Benjamin Constant – vida e história*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Quando eu era vivo*. In CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

MENDES, R. Teixeira. *O positivismo e o recurso às insurreições*. Rio de Janeiro: Arquivo IPB: 1906.

MUZZI, Amanda da Silva. *Os jacobinos e a oposição a Prudente de Moraes na transição entre as presidências militar e civil (1893-1897)*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, PUCRJ, 2006.

PENNA, Lincoln de Abreu. *República Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *O Progresso da Ordem – o florianismo e a construção da República*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. *O jacobinismo na historiografia republicana*. In LAPA, José R. do Amaral (org.). *História Política da República*. Campinas: Papyrus, 1990.

SÁ, Francisco; CAVALCANTI, Thomas; GUEDES, Raul. *Comissão Glorificadora do Marechal Floriano Peixoto – Culto Cívico*. Rio de Janeiro: Museu Casa Benjamin Constant/Inventário José Bevilaqua, 1903.

SAES, Guillaume Azevedo Marques de. *A República da Espada: a primeira década republicana e o florianismo*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2005.

- SILVA, Ana Carolina Feracin da. *Entre a Pena e a Espada: literatos e jacobinos nos primeiros anos da República*. Campinas: Dissertação de Mestrado, Unicamp, 2001. 247
- SIMAS, Luiz Antonio. *O Evangelho segundo os jacobinos - Floriano Peixoto e o mito do salvador da República brasileira*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, PPGHIS/UFRJ, 1994.
- SODRÉ, Lauro. *Os sucessos de 14 de novembro de 1904, os republicanos, a nação brasileira, o major Gomes de Castro no plenário militar*. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Comércio, 1905.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil*. 2. ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.